

A Boca Na Fonte

Edgar Carneiro



AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,
agora, dar o passo para além dos limites do
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

*Se é viva a intuição
Entendo e vou
Em busca da razão
Que a verdade total
Nos assegura
Mas ainda persigo
Além da viagem
Aquele outra imagem
A teimar que a razão
Não era pura*

A Boca Na Fonte

Da tela a saudade
Que ainda perdura
Dos linhos e sedas
Os dedos agudos
Bordando ternura
De aromas a cor
O beijo trocado
De frutos maduros
A lida no prado
Memória de quanto
Nos baile na mente
É água perdida
Além da nascente
Que a sede nos queime
E a dor nos afronte
Lembremos o gosto
Da boca na fonte

De Ter Raízes Fundas

De ter raízes fundas
Na montanha
E de saber
Seus íntimos segredos
Trago nos olhos
O florir das giestas
Sinto na boca
O gosto do medronho
Alegro-me das fontes
Quando canto
E sou rival das águias
Quando sonho

Há Fruto Ainda

Há frutos ainda
No monte a colher

Há pomos à espera
De serem mordidos

Há sede há calor
Primícias a haver

Há rolas dormindo
Vergéis escondidos

De tanto se gosta
E o tempo fugindo!

A hora vai alta
E o gosto demora

Já desce na encosta
A sombra dos ramos

Amanhã veremos
Como nasce a aurora

Vem Memória Antiga

Vem memória antiga
Traz o círio aceso
Dos momentos altos
De cumprir-se o gosto
Mais do que sabê-lo
Vem na hora incerta
Para ser Agosto
Quando o céu se mostra
E o doirado fio
Volta ao seu novelo

Iremos Pelo Campo

Iremos pelo campo
De mãos dadas
Em busca dos prazeres
Que a Natureza dá
Guardaremos nos corpos
O perfume
Das ervas aromadas
E no gosto o sabor
Dos frutos naturais
Pelo rubor dos lábios
Flor acesa
Trocaremos depois
O lacre das papoilas
Colhidas nos trigais

Núncia da Primavera

Núncia da Primavera
E seu feitiço
A flor é mais que flor
É cor em movimento
É mel antes de o ser
Em nosso entendimento
É asa abrindo ao sopro
Da brisa amena e quente
Pronto favor de Flora
Lume ardente
É grito que seduz
O coração da gente

Lembro da Minha Aldeia

Lembro da minha aldeia
A lide sazonal
Revejo as mãos e os frutos
Na horta e no pomar
Da vinha já madura
Além dos bagos de ouro
Exalto ainda e sempre
A força do licor
E fica-me a certeza
De que valera a pena
As lágrimas da vide
E as bagas do suor

Do Rio Lembro a Queda

Do rio lembro a queda
Rumorosa
E da montanha o salto
Na surpresa
A fuga com as aves
Em busca doutros mundos
Lá onde a vida fosse
Para todos
A plena rendição
Da Natureza

Um Campo Só

Um campo só
Mas com recantos
De tais encantos
Que vão da sombra
Ao lume que incendeia
Um campo
Onde o ramo traz os frutos
E a aranha tece em ouro
A sua teia

Ao Sol Estival

Ao sol estival
A Deusa desnuda
Os pomos gulosos
Na tépida alfombra
Dos bosques dourados
Já cantam as aves
Revoada à solta
A dar vida aos ermos
Alegria aos prados
A terra é fecunda
E do solo vem
A força potente
Que existe latente
No ventre da mãe
Ao seu vivo apelo
Para lá dos frutos
Animais e gente
Cumprem a missão
De a seu modo serem
Firmes resolutos
Os fiéis obreiros
Da fecundação



De Haver o Dia Claro

De haver o dia claro
Sei do Sol
Das sombras não das aves
Vou conhecendo
O périplo do voo
De estar agora vivo
Sei da morte
E dos desertos longos
Que povoo

O Meu Desejo Ardente

O meu desejo ardente
É de voltar
À fonte dos amores
Rever enamorado
O nenúfar a abrir
Sua beleza
E da boca formosa
Da Sereia
Ver de novo correr
Límpida e leve
A água juvenil
Que tranquilize
A gula pertinaz
Da minha sede

É Nosso O Vinho Quente

É nosso o vinho quente
É nosso o gozo
É nossa a hora curta
Mas solene
Da festa dos sentidos
Mesmo quando amanhã
Do néctar saboroso
Fique apenas
A pálida emoção
Dos cálices partidos

Das Sombras Do Vale

Das sombras do vale
Aos cômoros altos
Que o sol desnudava
Nascia a promessa
De encantos dobrados

Na tarde crescendo
O Sol mais ardia
A deixar acesos
Os nossos sentidos
E plenos de agrado
Atraindo insectos
Abriam mais doces
Os lírios do prado

De Bago Em Bago

De bago em bago
A uva chega aos lábios
E ao seu sabor
Aumentam os desejos

Doutros sabores
O nosso gosto sabe:
Tão doces como as uvas
São os gomos
Mais doces do que os bagos
São os beijos

Vem Dos Lábios A Cor

Vem dos lábios a cor
O rubor dos morangos:
Erectos gomos doces
Sobressaindo hirtos
Da sedosa folhagem
E tímidos ardendo
A pedirem mais tensos
O seu regresso aos lábios

Do Monte Os Frutos

Do monte os frutos
Livres
Dos dedos ágeis
O largar as aves
Que o desejo empluma
Do rio até ao delta
Os anseios do gosto
Repetido
Até sentir na onda
Amaciada
A rendição da espuma

A Língua Sabe

A língua sabe
Do poder na fala
A língua sabe
Do rigor no canto
A língua sabe
Dobrar a língua
De orvalho novo
Sobre o lábio enxuto
A língua sabe
Sentir alento
No gosto longo
De libar o fruto

Amor Se Vive

Amor se vive
Amor se troca
Amor se colhe
De boca em boca
Amor se nutre
Do mesmo gomo
Gostoso ainda
Na dor sentida
Amor se adoça
Mordido o pomo
No mesmo sumo
Que nos dá vida



Se Era Noite

Se era noite
Perdera o negro manto
Se era nuvem passou
Deixando um corpo
Dos gelos o calor
Não fora a tez mordida
Se era anseio
Que mácula temia
O medo pôs a luva no desejo
Se houve um grito cedeu
Ao bálsamo do beijo
Se era um pasmo
Tornou-se movimento
Se era um leito zarpou
A vela abrindo ao vento

Correm Soltas As Águas

Correm soltas as águas
Na levada
Passa no vento a seda
Que cingia levíssima
As colinas

Sob os esguios
Nítidos abetos
Paira ainda no prado
Uma neblina
A encobrir os fenos
Onde as papoilas
Quentes de vermelho
Oiravam de desejo
Os olhos dos insectos

Vale O Que Fica

Vale o que fica
Em réstia de memória
Dos tempos que lá vão
Quando o lume acendia
Ao sopro ainda forte
E o galo anunciava
A hora apetecida

Vale o que foi
Amor de Maio moço
O mais lançado à sorte
O mais que vá no vento
Em alvoroço
Ou arda na fogueira
Anímica da vida

O Que Fica Do Sal

O que fica do sal
É o sabor
Esta secura ingente
Que sufoca
Do verdadeiro amor
Também fica o sabor
Mas em vez da secura
Embora ardente
O que fica do amor
É a cinza na boca

Sinto Ainda O Calor

Sinto ainda o calor
A pedra inerte ardendo
Na volúpia do afago

Antes que a brasa apague
Ao acolher no fogo
As lágrimas do gelo
Sinto a pausa do grito
O silêncio dobrado
A mágoa que sobrar
Do golpe inacabado

Cai A Cinza Na Flor

Cai a cinza na flor
A folha amarelece
O vento agora ameno
Deixa em silêncio a messe
Real ou fantasia
Um grito de ave ao longe
Alerta a manhã fria
O rio é som bramindo
No âmago das furnas
E o peixe perde a íris
Nos lodos da levada
Na vida já se vai
Mudando a luz e a cor
Aos golpes do Suão
Há penas de pavão
Na vinha vindimada



É Tempo de Calor

É tempo de calor
Em vez do vento brando
Um outro sibilar
Assusta as aves
Caem fatais perdidos
Os insectos
De morderem os frutos
Os dias são de enganar
E de cuidados graves
Enquanto aos pés
De crédulos amantes
Jaz desfeito e sem cor
O ramo dos lilases

Tecera A Noite

Tecera a noite
Escuro véu
Para esconder
O campo em flor
Mas não de todo em todo
Escureceu
Um claro amor à vida
Em nós crescia
Ao canto sedutor
Da cotovia

Quando O Feno Molhado

Quando o feno molhado
Já não arde
Quando ao Inverno
Um outro Inverno sobra
E o desejo não tem
Razão de espera
Então tudo é já tarde
E sem manobra
Nem vale mais o Sol
De Estio quente
Se o insecto zumbiu
Inutilmente
E não abriu
A flor da Primavera

Uma Outra Força Vem

Uma outra força vem
Mudar o dia
E leva ao longe
O pólen criador
Uma outra força
É cor em movimento
E faz abrir em transe
O coração da flor

Nada se perde
E tudo se transforma
Em quanto Deus pensou
E logo fez
Assim a vida passa
E se renova
Assim a alma espera
A sua vez



Tudo Se Parte

Tudo se parte
É parte
E se reparte

Tudo se move
É move
De igual jeito

Que nada
É mesmo nada?

Que nada
É mais inteiro
E mais perfeito?

Da Chuva e Do Vento

Da chuva e do vento
O coro infinito
Das horas passadas
Marcadas no tempo
Dos pássaros longe
Da vida tão perto
Os sons que fizeram
As vozes de quem
Refém ou proscrito
Eleva seu canto
Embora sabendo
De inútil o grito
Bradar no deserto

Quando o Tempo Alonga

Quando o Tempo alonga
A sombra no prado
Roubando a beleza
Do Sol e das flores
Quando o vento é uivo
E a chuva um lamento
Eis Inverno entrando
Com a fria neve
A morar ao lado
Os dias são curtos
A noite cerrada
Só a Lua emerge
Da tormenta finda
A mostrar-se plena
Ou ainda ausente
Mas se estende o manto
De nevada tela
A neve é mais quente
E a noite mais bela

No Princípio Ou No Fim

No princípio ou no fim
O verbo é a palavra
A conjugar o tempo
É no verso e reverso
O próprio movimento
É sempre o imaginário
Ainda a outra voz
No modo de quem lida
O verbo é uno e vários
É o ser ou não ser
A questionar a vida

Enquanto o Sol Abrir

Enquanto o Sol abrir
E a flor desabrochar
Enquanto a aurora
For irmã do mar
Enquanto o fruto der
A cor ao sangue
Enquanto o vento é sal
E a praia é grande
Enquanto o véu subir
E só mostrar beleza
Enquanto tudo isto
For certeza
Enquanto tudo isto
Acontecer
Então a noite olvide
O seu negrume
E o galo cante
O gosto de viver



Lá Onde O Sol Demore

Lá onde o Sol demore
A sua mão de seda
Onde o vento descubra
A sedução da flor
Lá onde a cor dos frutos
Não supere
O gosto de mordê-los
Lá onde a noite é curta
E os dias sempre belos
Lá onde o ódio apague
E Amor acenda
Aí eu armarei
A minha tenda



ÍNDICE

A boca na fonte.....	4
De ter raízes fundas.....	5
Há fruto ainda.....	6
Vem memória antiga.....	7
Iremos pelo campo.....	8
Núncia da primavera.....	9
Lembro da minha aldeia.....	10
Do rio lembro a queda.....	11
Um campo só.....	12
Ao sol estival.....	13
De haver o dia claro.....	14
O meu desejo ardente.....	15
É o nosso vinho quente.....	16
Das sombras do vale.....	17
De bago em bago.....	18
Vem dos lábios a cor.....	19
Do monte os frutos.....	20
A língua sabe.....	21
Amor se vive.....	22
Se era noite.....	23
Correm soltas as águas.....	24
Vale o que fica.....	25
O que fica do sal.....	26
Sinto ainda o calor.....	27
Cai a cinza na flor.....	28
É tempo de calor.....	29
Tecera a noite.....	30
Quando o feno molhado.....	31
Uma outra força vem.....	32
Tudo se parte.....	33
Da chuva e do vento.....	34
Quando o tempo alonga.....	35
No princípio ou no fim.....	36
Enquanto o sol abrir.....	37
Lá onde o sol demora.....	38



Colecção

digit@lmente

Título: **A BOCA DA FONTE**

Autor: **EDGAR CARNEIRO**

Edição em Formato Livro: **1999**

Edição em Formato Digital: **Junho de 2020**

Em 2020, a Coleção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

© **Autor e Elefante Editores**
para esta edição digital

Contacto:

elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.co.pt

Editores de Poesia desde 1997